

FÓRMULA 1 NO BAHREIN: SOFT POWER, DIPLOMACIA SIMBÓLICA E LIMITES DE *SPORTWASHING*

Beatriz Filipe Pereira Lopes de Nápolis¹

RESUMO

Este artigo analisa a utilização da Fórmula 1 como ferramenta de soft power e diplomacia simbólica pelo Reino do Bahrein, pioneiro na inserção da categoria no Golfo Pérsico. A partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada em análise documental e bibliográfica, investiga-se como o país tem instrumentalizado o Grande Prêmio para projetar uma imagem de modernidade, estabilidade e protagonismo internacional. O estudo explora as contradições entre a imagem projetada e o contexto doméstico marcado por autoritarismo e repressão, em especial no contexto pós-Primavera Árabe. Com base em conceitos como soft power, nation branding e sportswashing, bem como nas teorias das Relações Internacionais (realismo, liberalismo e construtivismo), o artigo busca compreender os limites simbólicos e os riscos reputacionais do uso político do esporte. Como referência comparativa, o estudo dialoga com os casos do Catar e da Arábia Saudita, evidenciando padrões e distinções na geopolítica simbólica da região.

Palavras-chave: Fórmula 1; soft power; Bahrein; diplomacia simbólica; sportswashing; geopolítica do esporte.

ABSTRACT

This article analyzes the use of Formula 1 as a tool of soft power and symbolic diplomacy by the Kingdom of Bahrain, the first Gulf state to host a Grand Prix. Using a qualitative and interpretative

approach based on documentary and bibliographic analysis, the study investigates how the country has instrumentalized the event to project an image of modernity, stability, and international leadership. It explores the contradictions between the official narrative and a domestic context marked by authoritarianism and repression, especially in the aftermath of the Arab Spring. Grounded in concepts such as soft power, nation branding, and sportswashing, and drawing from International Relations theories (realism, liberalism, and constructivism), the article examines the symbolic limits and reputational risks of the political use of sports. Comparative references to Qatar and Saudi Arabia are included to highlight regional patterns and distinctions in symbolic geopolitics.

Keywords: Formula 1; soft power; Bahrain; symbolic diplomacy; sportswashing; geopolitics of sport.

INTRODUÇÃO

A consolidação do esporte como arena de poder simbólico e instrumento de inserção internacional tem se intensificado nas últimas décadas. Megaeventos esportivos passaram a desempenhar funções que extrapolam o entretenimento, operando como dispositivos estratégicos de diplomacia pública, projeção internacional e construção de reputação nacional. Nesse contexto, a Fórmula 1 se destaca como uma modalidade global de elevada visibilidade, associada a valores como tecnologia, sofisticação e inovação, além de exercer significativa influência simbólica no imaginário coletivo internacional.

O Reino do Bahrein foi o primeiro país árabe a sediar um Grande Prêmio de Fórmula 1, em 2004, inaugurando uma trajetória regional de instrumentalização política do evento. Desde então, a corrida se consolidou como elemento central na estratégia de soft power do país, articulando investimentos em infraestrutura esportiva a uma narrativa oficial de moderniza -

ção estabilidade institucional e abertura internacional. No entanto, essa projeção externa contrasta com denúncias recorrentes de repressão política, censura e violações de direitos humanos, intensificadas especialmente após a Primavera Árabe de 2011.

Este artigo tem como objetivo analisar o uso do Grande Prêmio do Bahrein como instrumento de diplomacia simbólica e reposicionamento geopolítico. Busca-se compreender de que maneira o governo bareinita mobiliza o espetáculo esportivo para produzir legitimidade internacional, ao mesmo tempo em que mantém uma estrutura política autoritária. O estudo adota o Bahrein como caso central, articulando uma perspectiva comparativa com Catar e Arábia Saudita, países que também incorporaram a Fórmula 1 em estratégias mais amplas de projeção simbólica e *nation branding*.

Paralelamente, esses Estados figuram com destaque em relatórios de organizações internacionais, como *Human Rights Watch* e *Amnesty International*, que denunciam práticas recorrentes de repressão, perseguição a dissidentes e restrições à liberdade de expressão. Nesse cenário, a Fórmula 1 pode ser interpretada como instrumento de *sportswashing*, funcionando como vitrine internacional para regimes que buscam projetar estabilidade e progresso, apesar de contextos domésticos marcados por autoritarismo.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada em análise documental e bibliográfica. Foram examinados documentos oficiais da Fórmula 1 e do governo do Bahrein, bem como relatórios de organizações de direitos humanos. O arcabouço teórico mobiliza conceitos como *soft power*, *nation branding* e *sportswashing*, articulados às principais correntes das Relações Internacionais. O recorte empírico privilegia o Grande Prêmio do Bahrein e suas repercussões políticas e simbólicas, com apoio comparativo dos casos do Catar e da Arábia Saudita para identificação de padrões regionais e especificidades nacionais.

SOFT POWER, DIPLOMACIA SIMBÓLICA E GEOPOLÍTICA ESPORTIVA

O conceito de *soft power*, formulado por Joseph Nye (2004), refere-se à capacidade de um Estado de influenciar outros atores internacionais por meio da atração, da legitimidade e da difusão de valores, em contraste com formas coercitivas de poder. No contexto contemporâneo, essa dimensão simbólica adquiriu centralidade nas estratégias de política externa, especialmente entre Estados que buscam ampliar sua projeção internacional sem recorrer ao uso direto da força.

As teorias das Relações Internacionais oferecem diferentes lentes para essa análise. O realismo destaca o uso do esporte como instrumento de prestígio e poder estatal, articulado à busca por influência no sistema internacional. O liberalismo interpreta os megaeventos como oportunidades para cooperação internacional e diálogo entre nações, valorizando o potencial integrador e diplomático do esporte. Já o construtivismo enfatiza a dimensão simbólica da política global, compreendendo os eventos esportivos como espaços de construção de identidade nacional e projeção de narrativas estratégicas, onde o discurso desempenha papel central na formulação da política externa (Shahid; Riaz; Qazi; Gill; Firdous, 2025).

Nesse sentido, o esporte de alto rendimento, e, em particular, a Fórmula 1, se configura como um recurso estratégico, tanto pela sua visibilidade global quanto pelo capital simbólico associado à sua marca. A promoção de megaeventos pode atuar como forma de diplomacia pública, conceito que designa o esforço dos Estados em conquistar a opinião pública internacional por meios não coercitivos (Melissen, 2005).

O conceito de *nation branding* (Anholt, 2010) aprofunda essa análise ao compreender os Estados como agentes que buscam posicionar suas imagens no sistema internacional. Por meio da associação a valores como modernidade, inovação e estabilidade, governos procuram construir identidades nacionais atrativas. No entanto, a eficácia dessas estratégias depende da consistência entre a narrativa projetada e a realidade doméstica.

Por outro lado, cresce a crítica ao fenômeno conhecido como *sportswashing*, que consiste no uso intencional do esporte para "limpar" ou disfarçar a reputação de regimes autoritários.

Autores como Boykoff (2016) e Brannagan e Reiche (2022) destacam que a promoção de grandes eventos pode obscurecer práticas de repressão, censura e violência estatal, convertendo o esporte em instrumento de encobrimento simbólico.

A compreensão desses fenômenos em escala internacional passa pela geopolítica crítica, formulada por Gearóid Ó Tuathail (1996), que interpreta a política global como um campo de disputas narrativas e construção simbólica. Nesse sentido, megaeventos esportivos funcionam como arenas de poder simbólico, nas quais se projetam imagens desejadas, ao mesmo tempo em que emergem tensões internas e críticas externas que desafiam essas narrativas.

O GRANDE PRÊMIO DO BAHREIN: DISPUTAS SIMBÓLICAS NO GOLFO PÉRSICO

A realização do Grande Prêmio do Bahrein, inaugurado em 2004, marcou a inserção do Oriente Médio no circuito global da Fórmula 1. Ao se tornar o primeiro país árabe a sediar uma etapa da categoria, o Bahrein posicionou-se como pioneiro regional no uso do esporte como ferramenta de projeção internacional. Desde sua origem, o evento foi mobilizado como símbolo de modernidade, desenvolvimento econômico e integração ao circuito global de entretenimento e tecnologia.

A estratégia adotada pelo governo bareinita insere-se em um contexto mais amplo de rebranding nacional, no qual o esporte opera como linguagem universal de prestígio e capital simbólico. A realização do Grande Prêmio é parte de um esforço deliberado para redesenhar a imagem do Bahrein no cenário internacional, afastando-se da percepção de um pequeno reino conservador e buscando associar-se a valores como inovação, abertura e cosmopolitismo. Nesse sentido, o país mobiliza a Fórmula 1 como parte de sua estratégia de soft power, aliando elementos de cultura, tecnologia e espetáculo à construção de uma narrativa positiva perante a opinião pública internacional (Brannagan; Grix, 2016).

Essa lógica não se restringe ao caso barei-

nina, mas integra um movimento regional mais amplo entre as monarquias do Golfo, no qual o esporte passa a ocupar um papel estratégico nos projetos de projeção internacional. A ambição de reposicionar o Oriente Médio como polo global de inovação, progresso e influência internacional foi expressa de forma emblemática por Mohammed bin Salman, príncipe herdeiro da Arábia Saudita, ao afirmar:

Acho que a nova Europa será o Oriente Médio. O Reino da Arábia Saudita nos próximos cinco anos será totalmente diferente. Bahrein será totalmente diferente, Kuwait, até mesmo o Catar, apesar das nossas diferenças [...] A próxima renascença global nos próximos 30 anos será no Oriente Médio, se Deus quiser. Essa é a guerra dos sauditas, esse é o meu caminho, e eu não quero morrer antes de ver o Oriente Médio na vanguarda do mundo. (Salman, 2018, n.p., tradução própria).

Essa declaração sintetiza o horizonte estratégico que orienta diversas monarquias do Golfo: transformar a região em um centro de prestígio simbólico, liderança cultural e influência geopolítica. Nesse contexto, a Fórmula 1 deixa de ser apenas espetáculo esportivo para operar como instrumento de diplomacia simbólica, integrado a agendas nacionais de transformação econômica, política e reputacional. A performance pública e a imagem projetada tornam-se ativos de poder de alto valor geopolítico.

Entretanto, no caso específico do Bahrein, o Grande Prêmio também se tornou um símbolo de tensão entre a imagem projetada e a realidade política doméstica. A partir de 2011, com o advento da Primavera Árabe, o país enfrentou uma série de protestos populares que reivindicavam reformas políticas, maior participação democrática e o fim da repressão estatal (Ulrichsen, 2014). As manifestações foram duramente reprimidas, com denúncias de tortura, prisões arbitrárias e perseguição a dissidentes. Esse cenário tencionou diretamente a narrativa de estabilidade promovida internacionalmente.

O cancelamento da corrida em 2011, por motivos de segurança, evidenciou a fragilidade simbólica do soft power quando confrontado com a instabilidade doméstica. Nos anos seguintes, o Grande Prêmio, em francês *Grand Prix*, (GP) foi reinserido no calendário oficial da Fórmula 1, com reforço da narrativa oficial de es -

tabilidade e superação. Organizações como a *Human Rights Watch* e a *Amnesty International* passaram a denunciar sistematicamente a instrumentalização do evento para fins de sportswashing, criticando a tentativa do governo de “limpar” sua reputação internacional por meio da promoção esportiva, enquanto mantinha práticas repressivas internamente (*Human Rights Watch*, 2023).

Nos anos seguintes, o governo bareinita intensificou sua estratégia de uso do GP como vitrine simbólica. A corrida foi retomada em 2012, mesmo com os protestos ainda em curso, e o Bahrein passou a consolidar o evento como peça central de seu soft power autoritário. Ao mesmo tempo, a repressão se aprofundou, com prisões arbitrárias de opositores, fechamento de organizações independentes, controle da internet e restrição do espaço cívico. Em 2019, a Anistia Internacional descreveu o país como “um Estado onde a dissidência pacífica é sistematicamente criminalizada” (*Amnesty International*, 2019, n.p.).

Nesse contexto, diversas organizações de direitos humanos passaram a publicar cartas abertas direcionadas à direção da Fórmula 1, denunciando violações sistemáticas e exigindo medidas concretas por parte da entidade. A carta da Anistia Internacional de 2016 constitui um marco nesse processo, ao afirmar que o Grande Prêmio funcionava como distração midiática enquanto “os motores da repressão continuam girando” (*Amnesty International*, 2016, n.p.). O documento denunciava as prisões de ativistas como Sheikh Ali Salman e Zainab al-Khawaja, além de apontar para a existência de tortura e ausência de garantias judiciais mínimas.

Em 2020, uma carta conjunta assinada por organizações como a Anistia Internacional e a *Human Rights Watch* e o *Bahrain Institute for Rights and Democracy* (BIRD) elevou o tom das denúncias. O caso de Najah Yusuf, presa e torturada por criticar a Fórmula 1 nas redes sociais, foi central na denúncia. Mesmo após sua libertação, Yusuf sofreu retaliações, foi demitida de seu cargo público e teve o filho perseguido judicialmente. O episódio exemplifica o uso do esporte como mecanismo de coerção e silenciamento. O documento também condenava a omissão da Fórmula 1 diante de seu próprio

compromisso público com os direitos humanos, formalizado no Statement of Commitment to Respect for Human Rights (Formula 1, 2020), cuja aplicação concreta nunca se verificou.

As denúncias se intensificaram com a carta de 2021, na qual diversas organizações reiteraram que a Fórmula 1 não implementava mecanismos independentes de monitoramento, apesar de seus compromissos formais (*Human Rights Watch*, 2021). A persistência da repressão, inclusive durante a pandemia de COVID-19, foi apontada como agravante, reforçando a percepção de que o evento funcionava como escudo institucional para práticas autoritárias.

O ponto culminante dessa trajetória crítica ocorreu com a carta de 2024, intitulada *Rights Groups Letter to F1 CEO Ahead of Bahrain Grand Prix: 20 Years of Sportswashing*. Assinado por mais de vinte organizações, o documento denuncia duas décadas de uso político da Fórmula 1 pelo regime bareinita, acusando a entidade de contribuir para um processo de legitimação simbólica (*Freedom House*, 2024).

Os signatários também destacam a seletividade da Fórmula 1 ao comparar sua atuação no Bahrein com o cancelamento do Grande Prêmio da Rússia em 2022, após a invasão da Ucrânia. Essa comparação evidencia a ausência de uma política consistente de direitos humanos, sugerindo que interesses políticos e econômicos influenciam diretamente as decisões da entidade.

A contradição entre discurso e prática revela os limites do soft power autoritário, especialmente quando a coerência simbólica é comprometida por violações de direitos humanos. O Bahrein busca projetar uma imagem de nação moderna e progressista, mas enfrenta o desafio de sustentar essa narrativa diante de um ambiente político marcado pela censura, pela ausência de liberdade de imprensa e pela repressão à oposição (*Freedom House*, 2023; *Furman*, 2020).

A presença contínua do GP no Bahrein demonstra também a ambiguidade da própria Fórmula 1 enquanto instituição internacional. A manutenção de contratos milionários com o país, mesmo após as denúncias, evidencia uma lógica

seletiva, na qual os interesses comerciais e geopolíticos parecem se sobrepôr a compromissos éticos e normativos. O caso do Bahrein se torna, assim, um estudo revelador das tensões estruturais do esporte globalizado, que oscila entre a promoção de valores universais e a acomodação pragmática a regimes autoritários (Reiche, 2021).

AMBIVALÊNCIAS DO SOFT POWER E RISCOS REPUTACIONAIS

A análise do Grande Prêmio de Fórmula 1 no Bahrein, contextualizada dentro da geopolítica do Golfo Pérsico, revela as complexidades e os paradoxos do uso do esporte como ferramenta de soft power. Em um primeiro nível, a realização do evento oferece benefícios evidentes: visibilidade internacional, atração de investimentos, estímulo ao turismo e construção de uma imagem nacional associada à modernidade, inovação e estabilidade (Alshikhy; O'sullivan; Polkinghorne; Gennings, 2025). O GP opera como uma vitrine cuidadosamente coreografada para consumo externo, na qual o Bahrein se apresenta como progressista e integrado à comunidade internacional.

No entanto, esse processo de construção simbólica é atravessado por contradições estruturais, sobretudo quando a narrativa oficial de progresso e estabilidade colide com uma realidade doméstica marcada pela repressão política, censura e criminalização da dissidência. O caso do Bahrein é ilustrativo do que a literatura tem chamado de *soft power autoritário*: regimes que recorrem a estratégias simbólicas para projetar legitimidade internacional, sem transformar de fato suas estruturas de poder interno. Como apontam Grix e Brannagan (2016), megaeventos em regimes autoritários operam como linguagem de ordem e progresso, mascarando práticas de exclusão e violência.

Essa ambivalência se insere no fenômeno do *sportswashing*, em que o esporte é instrumentalizado para suavizar a imagem de regimes autoritários perante a comunidade internacional. A Fórmula 1, ao manter o GP do Bahrein em seu calendário oficial mesmo diante

de persistentes denúncias de violações de direitos humanos, contribui, ainda que indiretamente, para a manutenção de uma operação simbólica de rebranding estatal, na qual aspectos centrais da realidade política local são sistematicamente marginalizados.

A postura da Fórmula 1 diante dessas contradições tem gerado crescentes questionamentos éticos e políticos. A institucionalidade esportiva global, representada por organizações como a Federação Internacional de Automobilismo (FIA) e a Formula One Management (FOM), frequentemente adota uma postura de neutralidade, evitando tomar posições públicas sobre questões de direitos humanos (Brannagan; Giulianotti, 2018). Por meio do documento *Statement of Commitment to Respect for Human Rights* (Formula 1, 2020), a organização declara compromisso com os direitos humanos internacionalmente reconhecidos em todas as suas atividades e parcerias com países anfitriões. No entanto, a continuidade da corrida no Bahrein, mesmo após as cartas de denúncia enviadas por diversas organizações de direitos humanos, evidencia uma dissociação entre compromisso institucional e prática concreta. O contraste torna-se ainda mais evidente quando se considera o cancelamento do GP da Rússia em 2022, após a invasão da Ucrânia, o que expõe a seletividade ética da entidade frente a diferentes cenários políticos (Globo Esporte, 2022). A ausência de medidas concretas diante das violações relatadas por organizações como a Amnesty International e o Bahrain Institute for Rights and Democracy coloca em xeque a consistência do discurso institucional.

Embora o Bahrein tenha sido pioneiro no uso da Fórmula 1 como ferramenta de diplomacia simbólica na região, os casos do Catar e da Arábia Saudita reforçam a existência de uma tendência regional mais ampla, na qual o esporte de elite é mobilizado como instrumento de visibilidade e legitimação internacional. No caso do Catar, a estratégia de diplomacia esportiva foi levada a um novo patamar com a realização da Copa do Mundo da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) em 2022 e a entrada do país no calendário da Fórmula 1. O Estado busca se posicionar como um centro global de inovação, diálogo e tolerância -

cia cultural. No entanto, enfrenta críticas persistentes por violações trabalhistas, especialmente em relação aos trabalhadores migrantes (Human Rights Watch, 2022), além de repressão a minorias políticas e religiosas. Apesar dos esforços de marketing político, relatórios da *Human Rights Watch* e da *Amnesty International* destacam que reformas legais promovidas pelo regime muitas vezes permanecem simbólicas ou de difícil implementação (Amnesty International, 2022).

Já a Arábia Saudita intensificou sua agenda de soft power esportivo a partir do plano *Vision 2030*, promovendo eventos de grande escala como o Grande Prêmio de Jidá, torneios de golfe, boxe e eSports. O governo saudita busca associar sua imagem à modernidade e à abertura econômica, enquanto mantém um histórico de violações sistemáticas dos direitos humanos, repressão à liberdade de expressão, perseguição a ativistas e uso político das leis antiterrorismo (Amal; Rahayu, 2024). Episódios como o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi (Human Rights Watch, 2019), a prisão de defensoras dos direitos das mulheres e a ausência de uma imprensa livre evidenciam a dissonância entre a imagem projetada e as práticas governamentais.

Episódios como o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi, a prisão de defensoras dos direitos das mulheres e a ausência de uma imprensa livre evidenciam a dissonância entre a imagem projetada e as práticas governamentais. Apesar de suas especificidades, os três países convergem no uso estratégico do esporte como ferramenta de rebranding internacional. Contudo, à medida que a incoerência entre a narrativa oficial e a realidade política se torna mais visível, os custos simbólicos tendem a se ampliar. Observa-se, assim, um deslocamento do soft power como mecanismo de atração para uma fonte potencial de risco reputacional, especialmente diante da atuação de organizações da sociedade civil e da crescente visibilidade internacional dessas críticas.

Por fim, esta discussão evidencia que o esporte internacional, longe de ser um espaço neutro, constitui uma arena discursiva na qual se confrontam narrativas oficiais, interesses corpo -

rativos, agendas políticas e vozes dissidentes. A eficácia simbólica do soft power depende, em grande medida, da credibilidade da imagem projetada e da consistência entre discurso e prática. Quando essa coerência é rompida, o prestígio pretendido pode se converter em contestação internacional, e o capital simbólico investido tende a se esvaziar. A Fórmula 1, como instituição global, não apenas se insere nesse processo, mas também contribui ativamente para moldar os limites éticos da diplomacia esportiva no século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo investigou a utilização do Grande Prêmio de Fórmula 1 no Bahrein como instrumento de soft power, diplomacia simbólica e reposicionamento geopolítico. A análise evidenciou que o evento esportivo é central na estratégia de branding nacional do país, operando como ferramenta de legitimação simbólica perante a comunidade internacional. Contudo, também se mostrou que essa estratégia encontra limites importantes, especialmente diante de um contexto interno marcado por autoritarismo, repressão e censura.

O estudo revelou que o Bahrein não é um caso isolado, mas sim parte de uma tendência regional no Golfo Pérsico, na qual regimes autocráticos recorrem ao esporte de elite para construir imagens positivas no sistema internacional. Ainda que o Bahrein tenha sido pioneiro, os casos do Catar e da Arábia Saudita demonstram uma ampliação e sofisticação dessas práticas ao longo das últimas duas décadas. Todos compartilham o desafio de manter a coerência simbólica entre a imagem projetada e as práticas políticas internas.

Como contribuição, este artigo reforça a relevância de se compreender o esporte como dimensão estratégica das Relações Internacionais, inscrita em disputas simbólicas por prestígio, influência e legitimidade. A Fórmula 1, nesse contexto, deixa de ser apenas um espetáculo automobilístico para se tornar um instrumento de poder simbólico. Além disso, a análise chama atenção para o papel das instituições esportivas, como a Fórmula 1, Fede -

ração Internacional de Automobilismo (FIA) e a Formula One Management (FOM), na reprodução de assimetrias globais, uma vez que frequentemente se omitem diante de denúncias de violações de direitos humanos, optando por uma neutralidade seletiva que favorece interesses comerciais e alianças políticas.

A pesquisa reconhece, como limitação, a adoção de uma abordagem qualitativa e baseada majoritariamente em fontes secundárias. Futuros estudos poderiam ampliar a investigação empírica por meio de entrevistas com atores políticos, representantes de organizações esportivas, ativistas de direitos humanos ou membros da sociedade civil local. Também seria relevante aprofundar a análise dos efeitos internos desses megaeventos, explorando seu impacto direto sobre as dinâmicas políticas e sociais domésticas.

Em última instância, compreender a Fórmula 1 como instrumento geopolítico permite lançar luz sobre formas contemporâneas de poder que operam além dos espaços tradicionais da diplomacia interestatal. No caso do Bahrein, o circuito de corrida é também um palco de disputa simbólica, onde se projetam narrativas de legitimidade e modernização, mas onde também ecoam silêncios impostos pela repressão. O esporte, assim, revela-se simultaneamente como meio de integração internacional e mecanismo de ocultamento político, uma dualidade que desafia os limites éticos e institucionais das práticas esportivas globais.

NOTAS

¹Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: napolisbeatriz@gmail.com

REFERÊNCIAS

ALSHIKHY, Tariq; O'SULLIVAN, Helen; POLKINGHORNE, Martyn; GENNINGS, Ellie. The Role and Impact of Sporting Mega-Events in the Context of Soft Power. **Encyclopedia**, v. 5, n. 1, p. 31, 2025.

AMAL, Moh Talabul; RAHAYU, Dini Septyana. The Challenge of Saudi Vision 2030: Foreign Policy Dilemma of Saudi Arabia. **Journal of Islamic World and Politics**, 2024.

ANHOLT, Simon. **Places: Identity, Image and Reputation**. London: Palgrave Macmillan, 2010.

BAHRAIN: Grim human rights violations behind the glamour of F1. **Amnesty International**, 2016. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2016/03/bahrain-formula-one-grand-prix/>. Acesso em: 11 set. 2025.

BAHRAIN: Hopes for justice and reform fading five years since 2011 uprising. **Amnesty International**, 2019

BRANNAGAN, Paul M.; GIULIANOTTI, Richard. The soft power–soft disempowerment nexus: The case of Saudi sportswashing. **International Affairs**, v. 94, n. 5, p. 1137–1155, 2018.

BRANNAGAN, Paul M; GRIX, Jonathan. Of mechanisms and myths: Conceptualising states' 'soft power' strategies through sports mega-events. **Diplomacy & Statecraft**, v. 27, n. 2, p. 251–272, 2016.

BRANNAGAN, Paul M.; REICHE, Danyel. The soft power–soft disempowerment nexus: The case of Qatar. **International Affairs**, v. 98, n. 1, 2022.

BOYKOFF, Jules. **Power Games: A Political History of the Olympics**. London: Verso, 2016.

F1 confirma cancelamento do GP da Rússia após invasão à Ucrânia. **Globo Esporte**, 25 fev. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/motor/formula-1/noticia/2022/02/25/f1-confirma-cancelamento-do-gp-da-russia-apos-invasao-a-ucrania.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2026.

FREEDOM in the World: Bahrain. **Freedom House**, 2023. Disponível em: <https://freedomhouse.org/country/bahrain/freedom-world/2023>. Acesso em: 10 set. 2025.

FURMAN, Kate Cronin. **Human Rights Half Measures: Avoiding Accountability in Postwar Sri Lanka**. London: University College Londres, 2020.

JOINT letter to F1: Bahrain Grand Prix and human rights concerns. **Human Rights Watch**, 2021.

MELISSEN, Jan (Org.). **The New Public Diplomacy: Soft Power in International Relations**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004.

QATAR: New Abuses of Migrant Workers. **Human Rights Watch**, 2022.

REALITY Check 2022: Qatar's promises versus the reality of migrant workers' rights, **Amnesty International**, 2022.

RIGHTS groups' letter to F1 CEO ahead of Bahrain Grand Prix: 20 years of sportswashing. **Freedom House**, 2024. Disponível em: <https://freedomhouse.org/article/rights-groups-letter-f1-ceo-ahead-bahrain-grand-prix-20-years-sportswashing>. Acesso em: 13 abr. 2026.

REICHE, Danyel. Sport as a tool for authoritarian regime legitimacy: The case of Formula One racing in Bahrain. **Third World Quarterly**, v. 42, n. 3, p. 579–596, 2021.

SALMAN, Mohammed Bin. **Entrevista à Bloomberg**. 2018. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-10-05/saudi-prince-says-middle-east-will-be-next-europe-transcript>. Acesso em: 12 set. 2025.

SAUDI Saudi Arabia: Events Highlight Ongoing Abuses. **Human Rights Watch**, 2021.

SAUDI Arabia: Provide Justice for Khashoggi Killing. **Human Rights Watch**, 2019.

SHAHID, Shakeel Ahmad; RIAZ, Muhammad; QAZI, Saqib Nawaz; GILL, Amna; FIRDOUS, Komal. Globalization and Identity: The Social Construction of Nationalism through International Sports Events. **ACADEMIA International Journal for Social Sciences**, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 1135–1142, 2025. DOI: [10.63056/ACAD.004.04.0968](https://academia.edu.pk/index.php/Journals/article/view/968). Disponível em: <https://academia.edu.pk/index.php/Journals/article/view/968>.

STATEMENT of Commitment to Respect for Human Rights. **Formula 1**, 2020. Disponível em: <https://corp.formula1.com/wp-content/uploads/2020/11/F1-Human-Rights-Statement.pdf>. Acesso em: 13 set. 2025.

TUATHAIL, Gearóid Ó. **Critical Geopolitics**: The Politics of Writing Global Space. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ULRICHSEN, Kristian Coates. **Bahrain's uprising**: Resistance and repression in the Gulf. In: The Gulf States and the Arab Uprisings. London: Hurst & Company, 2014. p. 43–61.

WORLD Report2023: Bahrain. **Human Rights Watch**, New York, 2023. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2023/country-chapters/bahrain>. Acesso em: 10 set. 2025.